

# Sophronitis, Contribuindo para a Miniaturização de *Cattleyas*

Álvaro Pessoa\*



Habitat da *Sophronitis coccinea*

Serra dos Orgãos

O gênero *Sophronitis* é, foi e será sempre um sucesso mundial. Admirado em todo o mundo, o gênero teve seu apogeu no momento seguinte ao choque do petróleo em 1973. É que os hibridadores com maior visão, perceberam logo que o mercado futuro exigiria plantas de menores dimensões, únicas compatíveis com a redução geral das estufas aquecidas do hemisfério norte. Menores estufas, menores

plantas, este o objetivo perseguido nos anos 80!

O *Sophronitis* apareceu, então, como o grande agente propulsor da mudança, dadas as suas características genéticas, que fazem dele uma verdadeira usina de força redutora de outras plantas. É fácil exemplificar: *Soph. coccinea* reduz 2/3 do tamanho de uma *Lc.* José Dias Castro em uma geração, ao produzir *Slc.* Suzuki. A mesma espécie reduz uma *C. intermedia* a fiapos e a 25% do seu tamanho original, ao ser produzida a *Sc.* Batemaniana. O mesmo fazendo com *C. loddigesii* em *Sc.* Calypso.

\* Rua Uruguai, 508/102 — Tijuca — Rio de Janeiro — RJ.

Não foi porém só o tamanho que tornou o *Sophronitis* decisivo. É que a plantinha virtualmente “pinta o sete”. O vermelho original não consegue dominar o amarelo, é verdade. Em compensação acentua o magenta dos lilases; dá cor de pitanga quando cruzada com os tons de laranja; capta o pontilhado das *C. schilleriana* e *C. aclandiae* para transformar-se a si própria em verdadeiros tons de rubi, cria vermelhos inacreditáveis quando cruzada com *C. loddigesii* para gerar *Sc. Calypso* e por aí vai.

É bem verdade que estas vantagens insuperáveis em matéria de cor, são contrabalançadas por um grave defeito de estrutura da haste floral. *Sophronitis coccinea* e *brevipedunculata* (cujo nome já diz tudo, por ter pedúnculo curto) produzem hastes florais mínimas, fazendo com que a flor desabroche junto à folha. Além disso, mesmo quando a haste floral consegue ser longa, ela é flácida, de forma que não tem auto-sustentação e precisa de haste de apoio (muleta). É o que ocorreu com *Slc. Rajah Rubi*, cujo clone mais conhecido no Brasil é a *Babe's Baby*.

Há ainda outro defeito, que o tempo pode curar, quando se utiliza *Soph-*

*ronitis* em hibridação. É o tempo demasiadamente longo de crescimento das plantas. Seus híbridos são de crescimento lento e sem o vigor característico dos cruzamentos.

Todavia, os resultados obtidos compensam a demora. Cruzados com *Laelia pumila* para produzir *Sl. Orpetii*, obtém-se plantas pequenas mas de intenso colorido magenta. Ninguém as fez e faz mais bonitas que Teruiooshi Yano, o cultivador japonês de São Paulo, sempre presente nas exposições da Liberdade. Há em sua versão de *Sl. Orpetii* um segredo! É com as *Soph. brevipedunculatas* escuras (e não com *Soph. coccinea*) que ele chega aos lindos tons que obtém. Este cruzamento foi registrado, originalmente, em 1985, por Seagulls Landing Orchids, como *Sl. Seagull's Crawfish Pie*. Consigne-se que Yano tem 84 anos de idade e segue fazendo cruzamentos! “Se eu não vir os produtos, outros haverão de ver”, diz ele, do alto de sua confiança na orquidofilia futura.

Quando se fala de *Sophronitis*, temos logo a atenção despertada para *Soph. coccinea*. Neste caminho seguiram as hibridações. *Soph. brevipedunculata* é pouco utilizada e o *Soph. wittigiana* (roseum) Barbosa Rodrigues,

*Sl. Orpetii*

Foto e cultivo: Álvaro Pessoa



ainda menos. É bem verdade que Maurício Verboonen, cruzou *Soph. roseum* com *L. pumila* obtendo plantas de cor muito agradável. Entretanto não são comuns, entre nós, cruzas com *Soph. roseum*.

Em algumas cruzas, a cor vermelha dos *Sophronitis* aparece apenas no labelo, dando-lhe tonalidade toda especial. É o que ocorre com *Slc. Orient Amber*, no clone "Flórida", bastante difundido entre nós. A despeito de a base genética da planta ser de *C. dowiana*, áurea, o que lhe dá pétalas e sépalas amarelas absolutamente puras, a flor perdeu o cereja escuro do labelo avelulado, que foi substituído pelo vermelho característico dos *Sophronitis*.

Mais recentemente, os registros da Sander's List of Orchid Hybrids, produzidos pela Orchid Review, pas-

saram a registrar também hibridações com *Sophronitis cernua*. F. Fordyce conseguiu resultados excelentes com o uso da *S. cernua*.

As plantas, miniaturas, produzem flores muito coloridas e vistosas. *Sl. Sparklet* resultado de *Sl. Jinn Kam* x *S. cernua*, tem flores amarelo-alaranjadas, com veias vermelhas. Cruzando a *L. rupestris* com *S. cernua* conseguiu-se planta pequena, que produz uma inflorescência alta, com até 12 flores, de cor rosa vivo com labelo lilás escuro.

Enfim, o fato de os *Sophronitis* terem pequenas dimensões, ou serem modestas, o que lhes deu o nome, pois SOPHRON em grego significa modesto, não quer dizer que sejam feias. Na realidade são lindas e um verdadeiro patrimônio nacional.

